

# Índios em perspectiva histórica

Pesquisador tira o mofo de arquivos do passado para refutar o paradigma da aculturação

**O ÍNDIO NA HISTÓRIA**  
Mércio Pereira Gomes  
Vozes, 631 páginas  
R\$ 58

**MANOLO FLORENTINO**  
PROFESSOR DE HISTÓRIA DA  
UFRJ E AUTOR DE *O ARCAÍSMO  
COMO PROJETO*

A historiografia brasileira passa por uma etapa de excepcional afirmação. É certo que o nível dos estudantes de História caiu muito ao longo das três últimas décadas, resultado anunciado da paradoxal massificação do ensino superior em país cuja educação de base é de baixa qualidade. Sequer faltam escândalos a atestar fragilidades docentes. E a junção entre ensino e pesquisa, afiançada em muitos casos tão-somente por contra-cheques, pouco contribui para a reversão do mau fado universitário.

Mas os ganhos têm sido igualmente expressivos. A começar pelo número de programas de pós-graduação, que praticamente dobrou em apenas 10 anos – são quase 30 hoje em dia. Eis uma prova cabal da pujança dos responsáveis pela abertura de arquivos onde antes reinavam só fungos e desordem. Se não bastasse, nunca se publicou tantos livros de História no país, sendo igualmente ímpar a quantidade de revistas especializadas da área.

Como consequência direta do refluxo de ideologias vulgares e da revolução tecnológica em curso, uma saudável diversidade teórica e temática impera no conjunto da historiografia atual. Do mesmo modo, é cada vez mais estreito o diálogo entre Clio e outras áreas das Humanidades, sobretudo com a Antropologia. De mero anseio, a



As primeiras imagens dos índios brasileiros foram traçadas a partir de relatos de viajantes, como Jean de Léry

viu-se obrigado a romper com o que o prefácio de Carlos de Araújo Moreira Neto chama de “vício antropológico” – tomar a história como mera variável sancionadora do presente. E o fez a partir do manejo de um impressionante conjunto de fontes. Dele fazem parte os relatos etnográficos de Claude d’Abbeville e os atlas de Cândido Mendes de Almeida e de Curt Nimuendaju, as crônicas do padre João Felipe Battendorff e os sermões de Antônio Vieira, e também as

seminais teorizações substantivistas de George Dalton e Karl Polanyi, o neomarxismo de Emmanuel Terray e Claude Meillassoux, e mesmo o *approach* libertário de Pierre Clastres. Nenhum problema ou teoria escapou à aferição constante de centenas de manuscritos, coletados com manítrica paciência na Biblioteca Nacional, no Arquivo Público do Maranhão, e no Arquivo da Cúria Custodial dos Capuchinhos, dentre outros.

O esforço do autor assumiu contornos próprios à labuta de um autêntico medievalista – de um especialista em reconstruir paisagens humanas a partir de cacos de vida. E o resultado final desvela traços fundamentais da história do Grão-Pará e do Maranhão desde o estabelecimento dos franceses.

A virtude do presente livro repousa em resgatar o potencial das fontes qualitativas e da especulação livre, mas fundada no bem-pensar acadêmico.

interdisciplinaridade converteu-se em estratégia imprescindível à pesquisa que se quer verdadeiramente renovadora. Contas feitas, reafirma-se com vigor a natureza argumentativa do discurso historiográfico –

## O autor contradiz teses sobre a extinção dos índios

uma das mais preciosas heranças da Ilustração –, a despeito dos avanços da indústria cultural e da permanência de certo irracionalismo intelectual, em franca retração desde o início dos anos 90.

São estes os ganhos que dão forma a *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*, o mais recente livro de Mércio Pereira Gomes. É impossível eludir a desenvoltura com que seu texto circula pela História Indígena e pela Antropologia Cultural, mas também por campos tão diversos como o são a

História do Brasil, a Economia primitiva, a Demografia e, mesmo, a Filosofia.

Não recordo haver lido “nota de esclarecimento” tão brutal como a dele, quando de supetão anuncia o caráter interdisciplinar da obra e dirige o leitor especializado aos capítulos de seu interesse. Afora as preferências de cada um, é possível no entanto que a interpretação dada pelo autor à evolução demográfica dos tenetehara (capítulo 14) constitua a mais rica porta de entrada ao livro. É que os problemas ali ensejados compõem a matéria-prima do esforço interdisciplinar não apenas de *O índio na história*, mas de toda uma vida. Afinal, as inusitadas estimativas das tendências populacionais de quatro séculos desse estranho grupo do Maranhão permitiram a Mércio Gomes retomar uma antiga obsessão: refutar o “paradigma da aculturação” – i.e., contradizer a perspectiva segundo a qual desde sempre teria sido

incontornável a extinção dos índios no Brasil.

Tal como outros grupos indígenas brasileiros, os tenetehara têm conseguido reverter a tendência à retração demográfica. Seu contingente alcança hoje 14 mil pessoas, quinhão quatro vezes superior ao de meados da década de 1960. Entretanto, o aspecto mais notável de sua

## Vários Arquivos no Rio e Maranhão foram estudados

trajetória é o de que esta é a segunda vez que a etnia teima contradizer a lógica da rarefação. Entre 1760 e 1840, o estabelecimento de uma singular rede de contatos com a sociedade colonial lhes teria permitido escapar às epidemias, à exploração econômica e à aculturação, afiançando seu crescimento populacional e, mesmo, a expansão territorial do grupo.

Para explicar os meandros dessa rara trajetória, Mércio Gomes